

## Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón Milão, 23 de Outubro de 2013

*Textos de referência: J. Carrón, Como nasce uma presença?, sup. Passos-Litterae communionis, n. 9, Outubro de 2013, pp. I-XVI.*

- *Marta, Marta*
- *Annuncio*

### *Gloria*

Continuamos o nosso percurso neste primeiro momento de trabalho depois da Jornada de Início de Ano. Quero começar retomando o texto de onde retirámos a pergunta para este Verão e que depois retomámos na Jornada de Início de Ano, porque dos testemunhos e dos contributos que chegaram pode ver-se qual é a situação que estamos a viver. Dizia Giussani que «o grande problema do mundo de hoje já não é uma teorização interrogativa, mas uma pergunta existencial [...] “Como se faz para viver?”», porque «o mundo de hoje é reconduzido ao nível da miséria evangélica». Em que é que se vê? O que é que caracteriza o homem de hoje? Diz *don* Giussani: «A dúvida sobre a existência, o medo de existir, a fragilidade da vida, a inconsistência de si próprio» (L. Giussani, *in* J. Carrón, «Quem nos separará do amor de Cristo?», *sup.* de *Passos-Litterae communionis*, n. 6, Junho de 2013, p. 7).

«Escrevo-te porque queria apresentar-te o desafio que me está a acontecer. Tenho vinte e quatro anos, é o primeiro ano de trabalho, ensino italiano no terceiro ciclo e coube-me uma turma do oitavo ano verdadeiramente difícil: metade, são estudantes estrangeiros que fugiram com as famílias de países devastados pela guerra, ou que emigraram para procurar uma vida melhor nesta que é vista como a sociedade do bem-estar; a outra metade, por sua vez, é composta por jovens ocidentais, suíços, que cresceram num mundo que providenciou resposta para qualquer tipo de necessidade material desde o seu nascimento, tornando todas as coisas, para eles, supérfluas, óbvias e por fim insuportáveis. A coisa mais surpreendente é dar-mos conta de que a consequência destas teorias tão diferentes é a mesma para todos: um terrível e inatacável cinismo. Dou-te um exemplo para perceberes o que estou a dizer. Eis o tema – aliás muitíssimo bem escrito – de um rapazinho que chegou há três anos à Suíça sem os pais (tinha pensado dar-lhes uma pista que os pudesse ajudar a descobrir um ponto positivo na vida deles de onde pudessem repartir). Este é o exemplo mais explícito, mas quase toda a turma respondeu alguma coisa parecida. Têm treze anos. Tema na aula: fala de alguma coisa ou de alguém que te faça sentir mesmo importante. “Ninguém me faz sentir mesmo importante, porque ninguém neste mundo é tão importante que seja impossível viver sem ele. Eu olho para este mundo duma outra perspectiva: imagino o mundo e a vida como um automóvel, e cada ser humano é uma pequena peça deste; qualquer peça que falte ao carro poderá sempre ser substituída, desde um pequeno parafuso até ao capô”. Eu não quero contar-te todos os episódios daquilo que me acontece na aula e que, a maior parte das vezes, me fazem sair com lágrimas nos olhos, não tanto por eles serem tão violentos e zangados, desapontados com a vida e sem nenhuma hipótese positiva para eles; não, é bem pior, é porque me fazem suspeitar que o que eles pensam é verdade, e por isso que o amor da minha vida não existe ou, pelo menos, não chega para responder a certas experiências terríveis, não chega para arranhar um certo cinismo, não chega verdadeiramente para o coração de ninguém. Peço-te para me ajudares neste trabalho. Eu sei que enfrentaste o percurso no Início de Ano (e por isso te agradeço) e que fazes sempre connosco a tentativa de nos recordar simplesmente aquilo que nos aconteceu; só que neste momento o choque das

circunstâncias é tão duro que me faz colocar permanentemente em dúvida aquilo que aconteceu, ou seja que Ele, dizendo o meu nome com uma intensidade afectiva nunca antes vista, me fez descobrir que eu era eu mesma. Eu não sei se Madalena, ao procurar o corpo de Jesus, foi invadida pela dúvida de que nada do que tinha vivido tinha verdadeiramente acontecido. Ultimamente, parece-me que sou exactamente como ela, que O procurava no escuro e na noite, mas com a leve suspeita de que talvez fosse tudo uma ilusão, que não fosse verdadeiramente a resposta que se aguenta diante de todas as circunstâncias da vida». Este é o desafio que cada um de nós tem pela frente, porque quando nos encontramos em situações em que tudo é reduzido à possibilidade de trocar – como vêm – um pequeno elemento do automóvel por outro, já não sabemos o que fazer, aliás, vem-nos a suspeita de que é tudo uma ilusão, entre o cinismo que encontramos pela frente e a nossa tentação de niilismo: volto-me e atrás das costas vejo a ilusão de tudo o que me aconteceu, como se no fundo não fosse nada. Isto torna-nos verdadeiramente conscientes de qual é a situação: que estamos verdadeiramente, como diz Giussani, ao nível da pobreza evangélica mais absoluta. Por isso o problema é responder à questão: «Como viver?» de tal forma que qualquer coisa que nos aconteça na vida não deixe entrar a suspeita de que, no final de contas, somos mesmo nós (nós que tínhamos que «levar» alguma coisa aos outros) que somos derrotados por esta situação. Por isso é evidente que a fé não pode interessar a quem considera que tudo se pode trocar, como uma peça de automóvel. Impressiona-me que o Papa, na encíclica *Lumen Fidei*, cite Nietzsche, segundo o qual o cristianismo esgotou o drama, diminuindo o alcance da existência humana. Pelo contrário, o cristianismo só será interessante para quem não esgotou o drama da vida, porque quem o fez contentar-se-á em trocar uma peça pela outra! Por isso, se não temos nada para dizer a jovens como os da carta, isto liga-se à segunda pergunta do Início de Ano: «O que estamos a fazer no mundo?». Porque se não respondermos a esta pergunta, também não respondemos à outra; como não podemos ser nós aquele bocadinho que falta, então vem-nos a suspeita, e ficamos perdidos. É por isso que a sociedade em que vivemos, com as suas circunstâncias, nos torna ainda mais conscientes do desafio; e então tudo se torna uma ocasião para ir ao fundo da questão.

*Queria contar-te algumas coisas que aconteceram depois do nosso encontro na Rússia e queria ainda fazer-te uma pergunta. Desde a última vez que nos encontramos muitas coisas mudaram. Por exemplo, não me recordo de quase nada daquela noite em que conversámos, mas a única coisa de que me lembro, e que me ficou gravada, foi o teu olhar, o olhar que tinhas sobre mim. E depois, com tudo o que aconteceu, percebi porque é que me ficou gravado aquele teu olhar, porque as coisas que aconteceram de seguida baralharam completamente todos os meus planos, pude perceber o que significa «a realidade que corta as pernas» (Pavese) e, por mais que uma vez, pensei que não seria capaz. Mas a coisa mais surpreendente que agora te posso contar é que a realidade começou aos poucos a desvendar o que é que representa na verdade para mim. E isto é surpreendente porque eu sempre me considerei sozinha na minha fragilidade e na minha jaula, e tudo era limitante. Mas, pelo contrário, a presença daquele olhar pôs-me à procura daquele mesmo olhar em todas as coisas que me aconteciam, sem ter de censurar nada. E assim eu recomeçava a viver aquela aventura humanamente apaixonante que já tinha visto no início. E, passando também por circunstâncias aparentemente adversas comecei a experimentar uma plenitude que me redirecionou à origem do encontro realizado, de tal modo que posso repetir as palavras que tu disseste no início de ano a respeito de Madalena: «Pôde perceber quem era porque Ele fez vibrar toda a sua humanidade, ao ponto de a fazer sentir uma tal intensidade, plenitude e superabundância, como nunca poderia ter imaginado, e que só podia obter na relação com Ele». Chagada a este ponto surpreendi-me a mim própria com um olhar mudado, cheio de tensão para procurar aquele olhar, que é o amor da minha*

*alma. E surpreendeu-me ainda mais quando dei por mim rodeada por um novo movimento de amigos sedentos de olhar para o que me estava a acontecer e que participavam dessa mesma plenitude que eu experimentava. A última descoberta, deste caminho que começou. Posso fazer-te uma pergunta? Não resisto a fazê-la: mas esta tua insistência sobre o olhar não é um pouco sentimental?*

*Não me pareceu que fosse sentimental.*

*Porquê?*

*Porque...*

*Naquilo que leste e disseste: a questão de Madalena é sentimental? Porque no fundo, no final do dia, quando estamos diante dos desafios, é como se aquilo que nos aconteceu não fosse capaz de resistir. Tudo se desmorona e então dizemos: mas este bendito olhar não será talvez sentimental? O que é que leste da Jornada de Início de Ano?*

*«Pôde perceber quem era porque Ele fez vibrar toda a sua humanidade, até a fazer experimentar uma tal intensidade, plenitude e superabundância nunca antes imaginada».*

*O que torna possível esta experiência é algo puramente sentimental?*

*Para mim não foi assim, de tal modo que pude verifica-lo no momento em que “me passou por cima um camião TIR”!*

*Mas, se não nos dermos conta quando acontece, amanhã, quando mudar o humor ou mudarem as circunstâncias, parece que a única coisa que aconteceu foi um simples ímpeto sentimental. Esquecemo-nos de que nunca fizemos uma experiência de intensidade humana e de plenitude humana assim, ou seja que a correspondência que pudemos experimentar foi uma exaltação do eu, com que nem sequer sonhamos obter com qualquer sentimentalismo! Isto é de tal forma verdade que don Giussani diz que quando isto acontece – tudo menos sentimental! – é sinal do divino. Mas se nós não realizamos isto quando acontece e trocamos-lo por um sentimentalismo qualquer, pomos em causa aquilo que nos aconteceu e vem-nos a suspeita – como eu dizia anteriormente – que tenha sido somente uma ilusão. Mas, o problema não é que te venha a suspeita de que seja somente uma ilusão, porque isso pode acontecer; qual é o problema que alguém pense que é uma ilusão? O problema é se uma pessoa se tornou tão consciente daquilo que lhe aconteceu que pode resolver o problema da suspeita e da ilusão em dois segundos. Mas, como tantas vezes nem nos damos conta, sucumbimos a esta redução. Por isso, é quando estás a caminho, quando tens de enfrentar desafios sucessivos, que percebes que aquele olhar não se esgota somente numa questão sentimental, mas contém algo substancialmente diferente, cujo valor se desvenda ao longo do caminho*

*Como isto é um caminho, eu continuei a procurar este olhar e encontrei-o em tantos amigos que me estão próximos no dia-a-dia. A última descoberta que fiz foi à cerca de duas semanas atrás: depois de todas estas mudanças, de todas estas coisas um pouco – digamos – excepcionais, ainda que indesejáveis, mas em todo o caso excepcionais, há uma coisa que me está a desafiar: recomeçou a vida quotidiana, aquela que poderia tornar-se uma rotina, e mesmo sem perder a consciência desta graça que me aconteceu, permanece todos os dias a pergunta: «Onde está o amor da minha alma?». Acontece-me tal como aconteceu a Madalena no momento em que O encontrou ressuscitado e não O reconheceu porque estava perdida no seu próprio pranto. No momento em que o seu nome é chamado, regressa vibrante, vive aquela vibração, mas Jesus diz-lhe: «Não me detenhas porque ainda não subi para o meu Pai». E é isto que me está a acontecer agora. Quanto mais te sigo, sigo ainda mais o trabalho que estás a fazer, sigo ainda mais os meus amigos que me têm este olhar sobre mim, que vivem com esta intensidade, e ainda mais te seguirei, mas é como se me estivesse a dizer: «Não me detenhas». Então pergunto-me: mas é verdadeiramente assim? E se é assim, que características tem um homem cheio de vontade de encontrar Jesus, mas sem o deter?*

Não deter é uma modalidade nova de tratar a realidade, que só é possível graças à presença de Jesus: chama-se «virgindade». Ou seja, estás de tal modo investida por uma coisa, por uma presença que reveste a vida, que não tens necessidade de possuir a realidade «de uma determinada maneira», acima de tudo não pela tua bravura ou por ascese ou somente por energia e capacidade de contenção; não, é que já não precisas, porque estás de tal modo preenchido por outra coisa, de tal maneira transbordante de outra coisa que és capaz de tratar a realidade sem ter necessidade de a deter, como posse tua. Percebes?

*Sim.*

E isto descobre-se na vida, porque quando este verão me aconteceu encontrar um rapaz que me dizia como às vezes tratava um pouco naturalisticamente a sua namorada disse-lhe: «Tu vês o que ganhas ao tratá-la assim, mas não podes imaginar o que perdes enquanto intensidade afectiva, enquanto capacidade de relação e enquanto profundidade de afeição e de plenitude». Por isso não é que Jesus desaparece porque não quer que O agarremos; mas é precisamente porque Jesus está que preenche de tal forma a vida que uma pessoa não precisa de detê-Lo de agarrar o real, de possuir o real de uma determinada maneira. Mas é preciso descobrir isto na experiência, porque para nós é ainda ficção, ficção! É de tal forma para lá da experiência humana para a esmagadora maioria dos cristãos que parece um sonho. Mas de certa maneira todos fizemos uma experiência que prova que isto que eu estou a dizer não é irreal. Já te apaixonaste alguma vez?

*Sim.*

A primeira vez que saíram talvez não lhe tenhas tocado, nem ele te tenha tocado e ele disse-te: «Gostas de mim?» e tu disseste-lhe sim; naquela relação experimentaste uma plenitude que não conseguiste repetir tentando depois possuí-lo de uma outra maneira. Tanto é verdade que te lembras daquele dia: como gostarias que aquele relacionamento pudesse ter a intensidade do primeiro dia! Foi uma experiência em grande! Por isso não é um problema apenas daqueles que são chamados à virgindade, mas é de todos, porque aquela plenitude afectiva é o que todos desejam. A questão é que para poder vivê-la é necessária a presença de Cristo, a única que a torna possível.

Em muitas ocasiões, aquilo que acabámos dizer de Madalena não é imediato, ou não foi imediato para todos na Jornada de Início de Ano. Escreve uma de vocês: «Querida contar-te o que me está a acontecer porque, vejo o risco tremendo de que a fé já não me interesse [estamos neste nível: que já não nos interesse; e isto dizemo-lo nós, não os outros]. Embora gostando e tendo sempre gostado da experiência do Movimento até agora – eu fiz a experiência de Madalena porque de outra forma, certamente, não estaria nesta história –, é como se de há algum tempo para cá, vivesse dos rendimentos e não de alguma coisa que acontece agora [é aquilo que dissemos nos Exercícios: a uma dada altura, o acontecimento tornou-se uma recordação piedosa, já não é alguma coisa que está a acontecer agora]. Lendo os Exercícios dei-me conta que a minha forma de amar Cristo era intelectual e não uma experiência assim arrebatadora, a não ser em alguns momentos. Revendo *don* Giussani no vídeo da apresentação da sua biografia voltei a dar-me conta do que significa para mim a experiência de Madalena. Com ele era tudo tão claro que percebi a diferença entre o intelectualismo e uma presença, e eu estou no Movimento por causa desta experiência. Daqui nasceu o desejo de ler atentamente a sua biografia para redescobrir os traços daquilo que me fez viver. Entretanto larguei o coro onde estava há anos, porque já não suportava a maneira como o vivia. Em suma, na realidade afastei-me um pouco das propostas do movimento, mas fi-lo devido a uma falta real de juízo e de valor para mim. Agora a vida passou a ser uma coisa que dá vontade de chorar, resta apenas o desejo de O reencontrar, mas tenho grande dificuldade. Dou-me conta que se deixar aquele pedaço de companhia que Deus me deu, que é o grupinho da Escola de comunidade, é como se se cortasse a última amarra que me prende à experiência do cristianismo. Mas eu preciso de mudar, de ser

novamente chamada pelo nome, tenho uma necessidade tremenda disso. Como é que para ti esta experiência de Madalena acontece todos os dias, ou tendo-a já feito se torna consciente para ti ao ponto de seres feliz verdadeiramente?». Esta é uma pergunta que se repete. De facto uma outra escreve: «Na Jornada de Início de Ano impressionou-me muito quando falaste de Madalena, do seu nome pronunciado e de como ela mudou naquele momento. Mas eu agora encontro-me numa experiência de solidão onde tudo me parece bem organizado, mas não me corresponde. Eu, o meu nome, nunca o ouvi chamar, e em consequência não fiz toda aquela experiência pessoal de comunidade. Continuo ligada como posso, e percebo que o meu empenho pessoal é sempre aquilo que faz a diferença, mas é pesado quando às vezes não se tem a força para o sustentar. Peço-te uma ajuda». Porque este é o paradoxo: que embora participando todos no mesmo gesto, nos encontramos diante de experiências todas diferentes. Por isso, como podemos responder a estas perguntas? Através daquilo que acontece: «Um início no trabalho que poderia definir como traumático, é o início deste ano. O erro humano de alguém caiu sobre mim, a única a sofrer as consequências de uma situação, e não sinto o conforto da simpatia dos colegas. Muito agitada devido ao que aconteceu preparo-me para ouvir a Jornada de Início de Ano, ao princípio com dificuldade mas à medida que a atenção aumenta, uma confusão de sentimentos invade a minha pessoa, nas coisas que oiço reencontro-me, fazendo memória de tantos dons recebidos nesta minha relação com Ele. Já tive como verificar no passado que aquilo que pode parecer um tiro nas costas, se for vivido em profundidade com a consciência de sermos amados, leva-nos ao juízo de que o acontecimento não esmaga o eu, ou seja que até um imprevisto mau, atravessado livremente, nos torna mais fortes e nos faz subir um degrau na escada da vida. Enquanto oiço o Carrón, frases anotadas e nunca totalmente compreendidas tornam-se de repente mais claras, e a um certo ponto, há como que uma explosão, uma luz no escuro, ao sentir que no encontro com o Movimento é como voltar a ouvir termos sido chamados pelo nome no Baptismo. É como um detonador dentro de mim, é compreender que ainda digo que alguma coisa me corresponde aquele estremecimento do meu coração que sublinhou «tornando-os indeléveis» alguns momentos vividos, aquela comoção imprevista, que racionalmente é difícil explicar porque não é de maneira nenhuma provocada por mim, mais não é que o eco do som de quando o meu nome, pronunciado durante o Baptismo, foi acolhido e elevado ao céu para que o Mistério também estivesse em mim. O reflexo daquela graça é o que experimento cada vez que sinto que o meu eu se dilata e se redefine. Que espanto depois desta intuição é como ver o meu Baptismo! Parece loucura. Mas é sentir que o ter sido chamada pelo nome daquela primeira vez, como aconteceu com Madalena é para sempre. Sinto que fiquei ligeira como uma borboleta, estou grata por este dom que me faz compreender que já tenho o meu bem e tenho até vontade de dirigir um pensamento já sem raiva a quem causou os meus males recentes. Eu sou mais forte porque conheço a fonte que mata a sede, o meu pensamento enche-se de gratidão». O encontro com o movimento redespertou a graça do Baptismo e continua a despertá-la através do anuncio cristão, como cantávamos no início. «O que era desde o início, / o que ouvimos, / o que vimos, / o que vimos / com os nossos olhos: isto vo-lo anunciamos». A questão é se cada um de nós capta todo o alcance daquilo que dizemos. «Na Jornada de Início de Ano perturbaste-me com a insistência de Maria e ouvi-a continuamente ecoar o meu nome. Continuo a ler os apontamentos da Jornada de Início de Ano. Não sei dizer-te que tipo de perturbação provocam em mim as coisas que leio, tocam as minhas cordas mais profundas e fazem ecoar o que tenho dentro de mim de uma tal forma que não consigo (quase nunca!) ultrapassar o primeiro parágrafo da tua intervenção e continuo a voltar ao princípio...». Como é que acontece, como é que volta a acontecer até para aquelas pessoas que podem a uma dada altura sentir dificuldades e participam no mesmo gesto sem experimentar a sua vibração?

Este é o desígnio de Deus, também entre nós: que Deus dê a graça a alguém para continuar a acontecer diante dos nossos olhos, para que através desse alguém, através do seu testemunho possa chegar também aos outros o mesmo eco do início. É aquilo que *don* Giussani nos disse e que repetimos tantas vezes nestes tempos: «O homem de hoje espera talvez inconscientemente a experiência do encontro com pessoas para as quais o facto de Cristo é uma realidade tão presente que a vida delas mudou. É um impacto humano que pode abanar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial» (L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, Bur, Milano 2003, p. 24), como aconteceu a Zaqueu. Mas como é que pode acontecer também nos momentos de dificuldade? Porque continua a acontecer a outros que o podem testemunhar, e assim pode acordar continuamente – segundo um desígnio que não é nosso – o eu de cada um de nós ouvindo-se de novo chamar pelo nome através desta vibração acontecida. Por isso a primeira questão não é tanto que aconteça em mim segundo uma imagem que eu tenho, mas que aconteça! Como quando uma pessoa adoece com uma doença até então incurável e vem a saber que um outro se está a curar; de repente percebe que aquele facto é uma esperança também para ele que ainda está doente. Que uma pessoa possa ver que o acontecimento continua a acontecer esta é a possibilidade para nós.

*A propósito do episódio de Maria Madalena, não me lembro de alguma vez ter lido um texto tantas vezes como li este, que é realmente muito bonito. Lendo o texto e tendo-o muito presente na vida, apercebi-me disto: de modo gradual mas inexorável, a minha atenção vai-se deslocando cada vez mais, a partir da surpresa de ser olhada de uma determinada maneira e amada por Aquele que olha para mim. Porque o desejo de ser amados, afirmados, acolhidos, é de todas as pessoas e eu percebo que também tenho esta necessidade. Por isso, quando me acontece sentir-me olhada assim, a surpresa, a gratidão é enorme, mas através do trabalho da Jornada de Início de Ano, dou-me conta que a atenção vai para Quem me olha, porque muitas vezes dou por mim a perguntar: se eu me sinto assim, que potente é Quem me olha assim! Então existe um “deslizamento” da minha atenção para a origem deste olhar.*

De sentir-se olhado até Àquele que olha para mim. Muitas vezes custa-nos fazer esta passagem. Ainda assim, se me custa agora e eu estou aqui, é porque me aconteceu alguma coisa, e Alguém fez com que isso acontecesse. Quem olha para mim? Por isso, estou contente; não porque agora me “sinto” mais ou menos olhado, mas sim porque existe Alguém que olha para mim assim, ao ponto de eu já não estar sozinho, com o meu nada, na realidade. Sempre dissemos que a fé é o reconhecimento de uma Presença que, em determinados momentos, pudemos tocar com a mão, aqueles momentos que *don* Giussani, no fim da vida, perante o Papa e toda a Igreja, descreveu como sendo momentos, certos momentos que nos atingem até ao coração, até ao fundo do coração e que uma pessoa já não consegue arrancar da sua vida. Aquela experiência de correspondência única é aquilo que nem as nossas suspeitas, nem os nossos erros, nem as nossas estupidezes conseguem arrancar daquilo que somos, porque não fomos nós que gerámos esta experiência única de correspondência, que documenta Quem a tornou possível. É Ele que eu reconheço na fé, e posso reconhecê-lo agora; fico contente quando, olhando para a escuridão, O posso reconhecer. Estou rendido ao que vi há dois dias em Kampala: as mulheres da Rose, todas com SIDA (algumas maltratadas, outras abandonadas, outras viúvas), sentem-se definidas por aquele encontro que lhes deu valor, que fez com que descobrissem o valor da vida de cada uma. E garanto-vos que raramente se vê entre nós a letícia que se via nelas. Isto significa que elas podem tocar com a mão... A pessoa que escreveu a carta que citei há pouco perguntou-me: “Onde é que tu encontras estas coisas todas?”. Encontro-o ali, em Kampala, nas coisas que vejo e que todos vemos. Tal como encontrei ao ouvir a passagem

sobre Maria Madalena durante a missa, nos dias em que preparava os exercícios de Verão dos *Memores Domini*; tinha pensado usá-la apenas para a introdução, mas depois de ler já não conseguia parar de pensar naquilo, e crescia, crescia; a dada altura, já não conseguia continuar sem sentir a necessidade de voltar àquele olhar que me gera constantemente, sem o qual não olho bem para mim. Mas como é que vocês conseguem avançar sem voltar a experimentar constantemente aquele olhar, a ouvir chamar o vosso nome? Porque o que acontece a Maria é o que acontece a cada um de nós: podemos deixá-Lo entrar todas as manhãs porque nos é constantemente anunciado; podemos acolhê-Lo ou não ligar porque temos uma imagem de como deve acontecer, mas nenhum de nós, depois de ter ouvido o anúncio, fica impedido de olhar para si próprio através daquilo que aconteceu a Maria Madalena, porque nenhum de nós estaria aqui se não lhe tivesse acontecido a mesma coisa. Por isso, se não voltamos constantemente a este ponto, se não convivemos continuamente com aquelas páginas, se não fazemos com que se torne caminho (depois do milagre inicial), tudo se desfaz entre as nossas mãos; porque aquele olhar não continua se eu não o deixo entrar constantemente e não me torno constantemente disponível para que entre.

*Gostaria de contar um facto para documentar o que dizes na Jornada de início de ano, sobretudo quando falas do início de uma consciência nova. Dizias: uma pessoa pode olhar para a realidade através do buraco da ferida e bloquear o caminho do conhecimento, Ele tem de voltar a acontecer. Ao longo destes dias trabalhei muito sobre os Exercícios, parecia que os tinha percebido, mas dei por mim esmagado pelo peso das coisas que aconteciam, isto é, deparei-me com situações no trabalho pelas quais, tendo de responder a tudo, me sentia bastante sufocado. E fiquei surpreendido porque, apesar de repetir das coisas que sabia, havia quase uma objecção: “Por que motivo tenho de trabalhar tanto? Por que razão tenho de fazer estas coisas todas? Porquê?”. E encontrava explicações: “Porque está correcto responder bem aos clientes, está certo tratar bem os colaboradores, é justo fazer tudo e mais alguma coisa por causa da crise...”.*

Fazemos tudo e mais alguma coisa, menos voltar àquele ponto. Tudo e mais alguma coisa! É verdade. Tendo isto claro, sabendo o raciocínio, hoje de manhã queria ir à missa e não pude porque havia uma reunião cedo; então lembrei-me que ao meio dia e meia há missa na Católica. Fiz tudo por tudo para ir. Acabo a reunião ao meio dia e meia...

Mas se tu estivesse apaixonado... Teria sido suficiente pensar uma vez. Se estivesse apaixonado, onde voltarias? O que prevaleceria?

*Aquele amor.*

Ias ter com ela outra vez.

*Pois, eu queria mesmo ir à missa.*

Não é uma brincadeira. Estamos a dizer que nos agitamos com tantas coisas, mas se não percebemos o que nos aconteceu, fazemos tudo e pensamos que tudo se pode organizar. Como se aquele olhar fosse uma de tantas coisas. Não, é «a» coisa! É o acontecimento. E por isso, ou nós percebemos e voltamos constantemente ali onde o podemos deixar entrar de novo, ou a única coisa que não verificamos é a fé, verificamos todos os nossos pensamentos excepto a única coisa que nos aconteceu.

*Em suma, procuro ir à missa. Termina a reunião rapidamente. Meio-dia e meia: estou a sair e uma pessoa da reunião diz-me: «Desculpa, preciso de falar-te». Eu digo: «Olha, tenho uma reunião importante» (porque era importante). Mas ele insiste e paro, porque queria responder. Perdi dez minutos, depois corri para a Católica esperando chegar pelo menos para a Consagração. Chego à igreja e o padre está a limpar o cálice, e fiquei desanimado, aborrecido e disse: «Vim para nada», e quase me culpei por ter parado. Passei um minuto a pensar: «Mas porque é que me sinto assim pesado? Porquê todo este responder à realidade se no fundo é...». Nada me consolava. A certa altura, mudei de lugar*

*e estava o Evangelho aberto. Digo: «Pelo menos leio o Evangelho de hoje». Leio rapidamente e há uma frase que dizia mais ou menos isto: «Abençoado o servo que o senhor regressando encontra fiel no seu trabalho». Uma libertação, uma correspondência total! Senti em mim um motivo de alegria, pelo que quando tu dizes da Madalena «não trocarias nada por um instante daquela relação afectiva», senti-me totalmente mergulhado no mistério do Pai.*

Basta que deixemos entrar nem que seja por um minuto a Sua diversidade. Pergunto-me ainda: «Como se faz para estar na realidade com a ferida que temos em nós, que eu reconheço ser uma graça porque obriga a procurar o amor, mas sem se deixar definir pelo estado sentimental em que nos encontramos?». Isto é, como não se deixar bloquear pelo sentimento de um momento particular? Vejam como tantas vezes encalhamos ali? É a pergunta que me faz também uma outra pessoa que escreve: «Na Jornada de início de ano fiquei muito impressionada com esta frase: “Porque qualquer objecção ou qualquer circunstância, ainda que dolorosa, encerra sempre algo de verdadeiro, caso contrário não existiria”. Uma passagem anterior sobre as circunstâncias descreve-me bem: “Por não sermos capazes de ver o atractivo que elas encerram, de tal forma somos definidos pela ferida; nós já as reduzimos porque pensamos já saber o que é a circunstância, pensamos já saber que não há nada de novo a descobrir dentro dela, que apenas há que suportar”. Sentir que a circunstância tem algo de verdadeiro dentro, fez-me estremecer porque neste período muito difícil, para mim a circunstância está separada da verdade. Quase sufoco com a confusão e com a quantidade de coisas que não correm como eu quero. Antes dizia: “Está Jesus!”. O que punha uma pedra sobre o assunto, eliminando assim Jesus e a mim. Mas o teste que tu fazes é tão razoável que não me deixa sombra de dúvida. É verdadeiro, senão não existiria. Se existe é porque há algo mais do que a circunstância adversa, há algo de verdadeiro dentro, senão não existiria. Esta afirmação junta os pedaços. Podes explicar o que é que é este “tem dentro algo de verdadeiro, senão não existiria?” Como ter a certeza de que a verdade, Cristo, é unidade com o que acontece, mesmo nas provas mais duras?».

*Fiquei impressionada pelo facto de que a vida está verdadeiramente contida naquilo que disseste da Madalena. E aquela comoção de que começaste a falar no Verão, não dura porque releio um texto, mas porque a vejo acontecer. Sábado passado foi para mim um momento clamoroso, entre tantos neste período deste re-acontecer. Estive numa prisão a apresentar a exposição sobre o Duomo de Milão (seis encontros nas várias alas). O que me impressionou foi como nasceu esta coisa: há dois anos atrás um jovem matou duas pessoas. Entregou-se logo à polícia, foi preso e deixou de falar, como que aniquilado por aquilo que fizera. Alguns dos nossos amigos que fazem caritativa na prisão começaram a visitá-lo. Durante meses continuou a não falar, até que o ano passado, depois do Meeting, quando lhe contavam sobre a exposição do Duomo de Milão e de quem o havia construído – todos homens pecadores –, ele de repente comovido disse: «Estão a dizer-me que uma pessoa como eu pode construir uma catedral?».*

Isto é sentimental?

*E assim, nasceu ali mesmo a ideia de levar à prisão a exposição do Duomo, explicada por alguns presos aos outros presos.*

Disseste que este rapaz durante um ano e meio ficou mudo, não falava com ninguém na prisão até ter ouvido falar do Duomo. Diante de algo tão terrível como ter morto pessoas, bloqueou com o juízo que tinha feito de si mesmo como uma pessoa sem nenhum valor! Depois ouvi falar da construção do Duomo: «Então é possível para mim que haja ainda algo a descobrir dentro deste meu eu, que eu penso que não serve para nada?».

*Do “movimento” desta pessoa nasceu a exposição, tanto que eu lhe disse: «Tu começaste a construir a tua catedral». Impressionou-me, porque indo à prisão é como se eu tivesse feito*

*uma experiência, que nunca tinha percebido, de quanto é abissal a necessidade que nós temos; nós somos pessoas que verdadeiramente choram sobre um sepulcro, não só ele, porque quando o vês acontecer diante de ti, dá-te conta daquilo que acontece também em ti, diante daquilo a que, normalmente, és tão superficial. Nós temos uma impotência radical nos confrontos dos outros e nos confrontos connosco próprios. Por um lado, há esta nossa impotência absoluta e, por outro lado, o facto que nós levamos connosco uma Presença pela qual fomos olhados para isto. Tanto que quando saí pensei: «Eu preciso do Carrón que me fala da Madalena para ler a realidade; e preciso da realidade para ler o Carrón que nos fala da Madalena». Assim, a verificação da fé não é o sucesso, mas a auto-consciência, isto é «Maria!».*

É apenas isto que reabre a possibilidade, porque nós muitas vezes não temos uma resposta para na escola redespertar os rapazes que já estão completamente bloqueados. Pelo contrário quando nós levamos aquele olhar, podemos desbloqueá-los; mais precisamente seria preciso dizer que não somos nós que os podemos desbloquear, mas aquilo que nós levamos. Aquilo que nós levamos como que em vasos de barro é capaz de abrir até alguém que está bloqueado há ano e meio porque vê toda a vida através do mal que fez. Algum de nós pode pensar de se encontrar numa situação pior do que a daquele preso? Ou pior do que as mulheres da Rose? Ou pior de quem se encontra em tantas outras circunstâncias que se possam imaginar? Sentir-se chamado pelo nome, qualquer que seja a circunstância, foi o que reabriu aquele jovem. Não teve uma alucinação, nem ouviu vozes; simplesmente deixou entrar na própria vida aquilo que um outro contava. Nós podemos ir visitar a exposição sobre o Duomo como uma coisa óbvia, porque não temos a consciência da necessidade que temos em nós. Mas quando uma pessoa tem a necessidade, intercepta o anúncio! Por isso manter aberta a pergunta é a única possibilidade para interceptar o anúncio. Sem a necessidade, sem a verdadeira consciência da necessidade, o olhar sobre nós pode acontecer e não nos darmos conta. Como dizia *don* Giussani, partindo do então Cardeal Ratzinger: «Não se pode levar o opróbrio da vida, se não pela presença de um amante». Mas o opróbrio maior é como se é amantes! Então pode-se levar o opróbrio da vida só com a presença de um amante que não é “um” amante: é a presença de Cristo [...]. Só olhando a amada e tendo os olhos cheios daquilo que está por detrás, Leopardi pode fazer o hino “À sua dama”, que não é um canto à mulher, é um canto à Mulher com Maiúsculo: é um canto aquilo pelo qual o homem experimente uma atractividade pela mulher que de outro modo não experimentaria [Mas o que é que acontece? É que para nós a circunstância está separada da verdade!]. Há uma tentação em nós: considerar como abstracção a única hipótese – a única hipótese! – que dá consistência à nobreza e à grandeza das coisas, até à “densidade do instante” [para nós é uma abstracção, porque para nós o concreto é outra coisa!]. [...] Aquilo que toda a gente [pelo contrário] sente como obviamente concreto diante da abstracção do ideal, isto é mesmo abstracto, porque abstracto quer dizer arrancado da consistência que pode advir apenas [...] da unidade do todo” (L. Giussani, *Vivendo nella carne*, Bur, Milano 1998, pp. 289-290). Aquilo a que nós chamamos abstracto é a coisa mais concreta. Vi-o, toquei-o com as mãos, quando depois de ter celebrado Missa com as mulheres da Rose ela me disse: «Eu tive de anunciar Cristo, para além do desejo de dividir com elas aquilo que eu tinha encontrado, porque era a única possibilidade de que estas pessoas redescobrissem o gosto do viver. Porque todas estas mulheres têm sida, e eu podia dar-lhes os remédios; mas elas não os tomariam porque não tinham uma razão para viver. E foi apenas quando encontraram uma razão para viver quando descobriram o próprio valor, que tiveram uma razão também para tomar os remédios». Isto é aquilo que nós temos muita dificuldade em perceber. E no entanto são as coisas mais evidentes! O que é que é mais evidente do que a vida? Nada. Isto demonstra que aquilo que muitas vezes consideramos mais abstracto é, pelo contrário, a única coisa que faz redescobrir a evidência do valor da vida. Só descobrindo-lhe

de novo o valor, é que aquelas mulheres têm uma razão para tomar os remédios para continuar a viver. Por isso «aquilo que toda a gente sente obviamente concreto diante da abstracção do ideal, isto é mesmo abstracto, porque abstracto quer dizer arrancado da consistência que pode advir apenas [...] da unidade do todo. “Longe do próprio ramo, pobre folha frágil, onde vais?”: a consistência da folha é toda a árvore [porque], uma folha ao vento não diz mais nada» (*Ibidem*, p. 290). Por isso, dentro daquele jovem preso, dentro daquelas mulheres, vê-se uma dignidade com a qual nós sonhamos! Estes, de modos diferentes, foram chamados pelo nome, descobriram o que é que são. É isto que enche verdadeiramente a sua vida de letícia. Sem isto nós bloqueamos; porque é apenas uma presença que desbloqueia tudo, que reabre a vida ao preso e às mulheres com sida, como a pode a reabrir a cada um de nós, qualquer que seja a situação em que se encontra. Só é preciso deixar entrar esta presença, só é preciso que aquilo que nos é anunciado, qualquer que seja a modalidade com que é anunciado, possa chegar e entrar em cada um de nós.

Continuamos a trabalhar a segunda parte da Jornada de Início de Ano, porque agora podemos percebê-la melhor, sem sucumbir ao risco – que está sempre à espreita – de considerar a primeira parte como sentimental, pietista, ou intimista, e a segunda parte como dizendo respeito à organização, à estrutura, à associação; e assim já teremos feito uma confusão. Para o rapaz na prisão, descobrir-se olhado assim foi tudo menos sentimental, foi precisamente aquilo que o fez tornar-se um protagonista, até ao desejo de ser ele a fazer a Catedral. Que se perca isto de vista, que nós percamos isto de vista, separando as duas partes, indica até que ponto a unidade da experiência se desfaz. Por isso, o que ouvimos hoje talvez nos facilite mais a compreender o que é que estamos a fazer no mundo, o que é que estamos a fazer diante dos rapazes (como dizia a primeira carta), o que é que estamos a fazer diante das pessoas (como faz a Rose), o que é que fazemos na prisão quando vamos encontrar as pessoas ou com quem nos encontramos diante do trabalho ou nas circunstâncias mais normais do viver. Isto é aquilo que nos dizia *don* Giussani, que repetimos nos Exercícios e que agora podemos perceber sempre melhor: «O verdadeiro problema do CL [isto é do Movimento] hoje é a verdade da sua experiência e, por isso, a sua coerência com a origem. Entre nós existe muitas vezes uma atitude pela qual a urgência principal é como as coisas estão, como é a comunidade está, enquanto a urgência deve tornar-se aquela de tornar a dar vida a uma sensibilidade pela verdade da experiência do Movimento» («O verdadeiro problema do CL é a verdade da sua experiência», por L. Cioni, *CL Litterae communionis*, nº 4, Abril 1977, p.8). Porque é que Giussani insiste nisto? Porque tem uma percepção claríssima de qual é a situação, como estamos a ver: «Numa sociedade como esta não se pode criar qualquer coisa de novo se não com a vida: não há estrutura nem organizações ou iniciativas que consigam. É só uma vida diferente e nova que pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, em suma tudo. E a vida é minha, irredutivelmente minha» («Movimento, “regra” de liberdade», por O. Grassi, *CL Litterae communionis*, n. 11, Novembro 1978, p. 44). Por isso se o movimento não é a experiência da fé como iluminadora da vida, das minhas problemáticas, não pode ser uma proposta para os outros. Podemos-nos tornar uma presença que responde à situação em que nos encontramos a viver, só se para nós a fé não é senão uma experiência que ilumina as minhas problemáticas, que resolve as minhas problemáticas, de outro modo como pensamos poder comunica-la aos outros? À primeira dificuldade surge-nos a suspeita de que no fundo possa ser uma ilusão. Então não se podem separar as duas coisas. Deste ponto de vista, a carta que eu escrevi à Fraternidade depois do encontro com o Papa é uma ocasião para nos tornarmos conscientes do que é que nos aconteceu na vida e do que é que estamos a fazer no mundo; percebe-se que o Papa tem esta preocupação e que no-lo testemunha de um modo tão esplendoroso que reler as suas palavras neste contexto parece-me ser o dom maior que o Papa nos pode fazer,

precisamente a nós. Por isso continuamos a trabalhar sobre a segunda parte do texto do Início do Ano, «O que é que estamos a fazer no mundo?», e sobre a carta à Fraternidade.

Livro do ano: *Vita di don Giussani*, por Alberto Savorana. Impressiona-me que em quem o começa a ler nasce imediatamente o desejo de o dar a conhecer a outros. É o mesmo que dizíamos antes: teremos vontade de o difundir, de o dar a conhecer aos outros, de falar do livro, na medida em que fizer bem a nós mesmos e na medida em que nós sejamos tocados por ele. Por isto seremos nós os primeiros a difundi-lo. Acontece sempre o mesmo: a vida é, como diz *don Giussani*, irredutivelmente minha.

O **site da Fraternidade**, desde este mês, foi completamente renovada no grafismo e no conteúdo. No site podem encontrar também informações úteis à vida do movimento (por exemplo: as datas das escolas do comunidade, dos retiros, os avisos principais e outras coisas).

Peço-vos que anotem na agenda a data de **27 de Abril de 2014**, dia da **canonização de João Paulo II e João XXIII** em Roma, e a de **10 de Maio 2014**, dia no qual a Conferência Episcopal Italiana sugeriu uma grande **manifestação sobre a escola**, na praça de S. Pedro, som o Papa

Este ano a proposta da **Jornada nacional da “Recolha Alimentar”**, que terá lugar **Sábado 30 de Novembro** (e em Portugal também **Domingo 1 de Dezembro**), organizada pela Fundação Banco Alimentar, é antes de mais uma ocasião para nos educar a viver o que foi dito pelo Papa: «... quando a comida é dividida de modo justo, com solidariedade, ninguém está privado do necessário, cada comunidade pode ir ao encontro das necessidades dos mais pobres». Convido-vos por isso a dar a vossa adesão para sustentar este gesto que é um gesto de caridade, daquela caridade da qual falámos na Jornada de Início de Ano.